
NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

PRIEN, Hans-Jürgen: *La historia del cristianismo en América Latina* / Tradução (do alemão) Josep Barnadas. — Salamanca: Ed. Sígueme, 1985. 1236 pp., 24,5x17 cm. (Coleção: el peso de los días; 21) ISBN 84-301-0962-5

Mesmo um leigo em História da Igreja — como o recenseador — é capaz de reconhecer o valor desta “História do Cristianismo na América Latina”, escrita por um autor alemão e protestante, que, no entanto, assume uma perspectiva bem latino-americana e ecumênica de escrever nossa História. O A. viveu muitos anos na AL, inclusive lecionando História da Igreja na Faculdade de Teologia dos luteranos, em São Leopoldo, RS. Seu conhecimento de Economia e Sociologia permitem-lhe escrever uma História bem enraizada no concreto e ao mesmo tempo atenta aos movimentos de idéias.

O A. não se faz ilusões quanto a periodizações da História da Igreja na AL. Divide seu livro em cinco partes: I. “Origens étnicas, culturais e religiosas da AL”, onde descreve as raízes autóctones da AL e analisa o choque cultural verificado entre as civilizações ibérica e ameríndia. II. “Desenvolvimento do Cristianismo latino-americano sob o signo do modelo de cristandade”. III. “A crise da ‘cristandade’ latino-americana na época da Ilustração e da emancipação política”, dando grande ênfase à primeira. IV. “Igreja e sociedade entre a restauração e a secularização. Questionamento e supressão do modelo tradicional da ‘cristandade’ latino-americana em virtude do liberalismo e do protestantismo”. V. “O Cristianismo na época do ecumenismo e da crise dos Estados nacionais oligárquicos no conflito do desenvolvimento”, onde entre outras coisas analisa a atitude da Igreja frente às revoluções mexicana, boliviana e cubana.

O A. — como é natural — está muito atento à História do protestantismo na AL, o que em geral é descurado por autores católicos. Também a religiosidade popular merece bastante atenção, bem como a evolução da Igreja Católica pós-Vaticano II (tanto o momento de diástole, como o posterior de sístole).

O texto de 1146 pp. consegue prender a atenção sem cansar, mesmo o leitor leigo. As abundantes notas ao pé da página remetem a monografias e estudos mais especializados. Uma lista de siglas, uma ampla bibliografia, um índice onomástico e outro analítico, além do índice geral, completam o volume. Há ainda mapas que facilitam a localização dos lugares mencionados no texto, o que — para o leitor não especializado — é de grande importância, especialmente para a época colonial. Infelizmente escaparam bastantes erros de caixa e o recenseador pôde também comprovar que os índices remissivos (onomástico e analítico) nem sempre são fiéis. Mas são falhas de somenos numa obra de tanto fôlego que se desejaria mais acessível ao leitor brasileiro por uma boa tradução.

F. T.

ZIRKER, Hans: *Crítica de la religión* / Tradução (do alemão) Xavier Moll. — Barcelona: Ed. Herder, 1985. 253 pp., 19,8x12,2 cm. ISBN 84-254-1502-0

A Sociologia do Conhecimento parte de um pressuposto básico que poderia ser expresso da seguinte maneira: a vida social condiciona o modo de o homem tomar consciência dos seres e das coisas. Essa premissa vale também para a religião e para a fé cristã. O modo de viver a fé e a subsistência mesma da religião dependem de suas raízes sociais. A religião depende das estruturas sociais de plausibilidade, i.é., do conjunto de relações sociais e mecanismos sociais que servem de sustentação social para uma determinada interpretação e comportamento religiosos.

É nesse sentido que o A. nos oferece uma visão da crítica moderna da religião, tendo presentes os condicionamentos sociais dessa crítica. A crítica da religião tornou-se atualmente um adversário inevitável da fé cristã. Num mundo, que cria e vive um clima alheio e adverso à religião, não se pode anunciar pacificamente a Boa Nova do evangelho. Daí que a crítica moderna passe a ser um motivo de inquietação que cria perplexidade. Por isso, impõe-se a necessidade de que ela seja assumida seriamente pela Teologia, não para adotar uma atitude apologética, mas para poder conhecer os condicionamentos sociais e avaliar a importância e a seriedade das críticas que provêm da modernidade.

O A. parte do pano de fundo histórico e dos condicionamentos sociais (1ª parte) da crítica moderna da religião para elaborar alguns modelos típicos de argumentação (2ª parte): a substituição da religião pela ciência (A. Comte, 63-77); a redução do divino a predicados humanos (L. Feuerbach, 78-107); a interpretação da religião como auto-alienação provocada pelas relações sociais condicionadas economicamente (K. Marx, 108-137); o anúncio da morte de Deus como proclamação da liberdade e da nova moralidade (F. Nietzsche, 138-168); a derivação da religião da interrelação das necessidades psíquicas (S. Freud, 169-205); a religião sob a suspeita de carência de sentido (Filosofia analítica, 206-235). Encerra o livro uma conclusão que exige um relacionamento recíproco da Teologia e da crítica da religião. Cada capítulo apresenta uma bibliografia com as obras mais importantes de cada autor.

Trata-se de um manual que se destaca pela sua clareza didática e pela competência do autor. É um bom instrumento de trabalho que poderá prestar bons serviços para os cursos de Filosofia e de Teologia. O livro é tradução do alemão "Religionskritik" publicado na editora Patmos de Düsseldorf em 1982.

X. H.

ARROM, Bartolomé: *La apuesta de la fe.* – Salamanca: Ed. Sígueme, 1985. 84 pp., 17,9x12 cm. (Coleção: pedal; 171) ISBN 84-301-0973-0

O A. fala de sua fé. Inaugura o texto afirmando que não é nem teólogo nem professor, mas “um crenté que reflete em voz alta enquanto tenta ser cristão”. Apoiar-se num poema de sua autoria, cujos versos subintitulam cada um dos treze capítulos deste pequeno livro, onde desfilam temas tais como fé e atitude, fé e religião, fé e cultura, fé e liberdade, fé e ética, fé e comunidade, fé e amor.

Mesmo afirmando que não quer dar lições a ninguém, “mas encontrar-se com os que buscam, como eu, o sentido de sua fé na normalidade cotidiana”, o A. poderia ter evitado um certo subjetivismo que transparece neste seu trabalho, como também certas generalizações do tipo: “antes tudo eram verdades eternas e agora não saímos de interpretações psicanalíticas do homem, de condicionamentos sociais e de mecanismos econômicos, que despertam pueris entusiasmos” (33). Esta e outras afirmações do A., em torno da fé, que ele quer absolutamente “livre” de condicionamentos e interpretações, denotam um certo purismo na sua visão desta virtude teológica que é, antes de tudo, resposta do homem encarnado e situado à revelação de Deus.

A relação fé e política é lastimável ausência, enquanto título, neste trabalho. Ela vem abordada no capítulo final, quando o A. discorre sobre o “aqui, agora mesmo” dos cristãos espanhóis e mostra-se pouco “livre de interpretações” quando afirma que “os compromissos entre a religião e a política têm o efeito de tirar a liberdade do que crê” (74).

O livro pode ser lido por quantos queiram, com uma visão crítica, conhecer um conceito de fé de um cristão espanhol, que a entende como “a máxima expressão da liberdade humana”. Se não se estabelecer a comunicação com o A., este já previra que “nada importante” poderia ocorrer após a leitura do seu livro. E não nos esqueçamos de que este é apenas uma reflexão em voz alta.

A. S. D.

ALFARO, Juan: *Revelación cristiana, fe y teología.* – Salamanca: Ed. Sígueme, 1985. 197 pp., 21x13,5 cm. (Coleção: verdad e imagen; 90) ISBN 84-301-0957-9

Deus se revela na vida e mensagem, morte e ressurreição de Cristo. O homem que crê em Jesus Cristo como revelação e revelador de Deus, ao refletir sobre sua fé, faz Teologia. Portanto, revelação e Teologia são mediadas pela fé. O homem, destinatário da revelação, tem que ser capaz de ser interpelado pela graça, por isto o

A. aborda a questão antropológica da existência humana.

Já o título do livro anuncia as três partes fundamentais: revelação, fé e Teologia. O qualificativo de "cristã" se refere diretamente à revelação de Deus em Cristo. Dentro do tema da revelação, o A. aborda o aspecto antropológico acima referido.

É indiscutível a competência do A. na reflexão teológica, sobretudo pela síntese que realiza de revelação, fé e Teologia dentro do acontecer humano e existencial. É uma contribuição muito valiosa e rica para toda a reflexão teológica, já que cada tema está muito bem aprofundado e analisado. A integração das grandes dimensões da reflexão teológica é um valor positivo e sua influência nos cursos de Teologia será considerável.

A. C.

LEDRUS, Michel: *O Pai-Nosso: oração evangélica / Tradução (do italiano) Roberto Figuerelli.* — São Paulo: Ed. Loyola, 1985. 91 pp., 20,7x13,9 cm.

O Pe. Michel Ledrus, embora tenha desempenhado nos mais diversos lugares as muitas missões que a Companhia de Jesus lhe confiou durante sua longa vida, foi sempre, coerentemente à própria vocação, um servo fiel da Palavra e do Espírito. Tanto na Índia, como em Roma, ele foi um mestre humilde e inspirado de muitas gerações de fiéis e evangelizadores, de pessoas à procura de Deus e do seu Reino. As páginas do livro foram escolhidas e ordenadas de uma série de notas do Pe. Ledrus, onde é visível o contínuo aprofundamento da sua experiência de oração, o seu "sentir e saborear sempre mais intimamente" o mistério de Deus. Observe-se ainda que o A., por causa de sua enfermidade e avançada idade, não pôde fazer a revisão dessas páginas como teria gostado, mas consentiu que fossem publicadas para prestar um auxílio a todos aqueles que rezam e desejam rezar melhor (8).

"Pedimos, no pai-nosso, tudo aquilo que devemos fazer para viver espiritualmente. Temos na oração do Senhor um tratado completo de vida espiritual, sistematizado pelo próprio Senhor. Jamais poderíamos aprofundá-lo suficientemente" (11). Não é difícil pôr em relevo a ordem orgânica da oração que Jesus nos ensinou com a petição "venha o teu Reino" no centro do pai-nosso. Na apresentação das petições o A. preferiu seguir uma ordem pedagógica de acordo com o desenrolar normal da vida do cristão: 1. Pai-Nosso, que estás no céu. 2. Santificado seja o teu Nome. 3. Livra-nos do mal. 4. Não nos deixes cair em tentação. 5. Perdoa-nos... 6. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. 7. Seja feita a tua vontade assim... 8. Venha o teu Reino.

Conteúdo rico, simples e profundo. De grande ajuda para alimentar a nossa caminhada de fé. Convence da beleza e da necessidade da oração. “A tentação torna-se perigosa quando falta a oração” (54). “Nosso Senhor repreendia os seus discípulos por não terem pedido nada ‘em seu nome’, vale dizer, nada daquilo que entra no desígnio da Redenção e que não se cumprirá sem tal oração... ‘Ninguém dá aquilo que não pediu’, aquilo que não mendigou humildemente da bondade divina. Não podemos mostrar-nos verdadeiramente generosos a não ser do que tivermos a consciência e magnanimidade de mendigar pela oração” (82). “Quando no tempo do Advento repetimos: ‘Apressa-te, Senhor, não tardes’ ou no tempo de Pentecostes ‘Vem, Espírito Santo’, não pedimos uma abreviação, um aceleração nos termos predispostos por Deus para a epifania do Reino de Cristo: pedimos um movimento de nossa parte, não da parte de Deus. Pedimos a intensificação do nosso operar para a consumação nossa e da Igreja” (90).

Manuel E. Iglesias S.J.

SÁNCHEZ L., Manuel: *Pensamientos breves sobre las Bienaventuranzas*. — Lima: CEP, 1985. 134 pp., 19,3x12,9 cm.

Esses pensamentos vão além da mera reflexão sobre as bem-aventuranças. O A. aborda diversas situações humanas, confrontando-as com a mensagem da proclamação do Reino.

Este trabalho se assemelha a uma carta remetida por um homem de fé aos cristãos que querem chegar a um conhecimento melhor, consciente e crítico dos ensinamentos que brotaram dos lábios de Jesus no Sermão da Montanha. O A. reflete sobre as bem-aventuranças, mostrando-as enraizadas nos anúncios proféticos. Elas resumem a Boa Nova proclamada por Jesus Cristo.

Mais que de leitura e estudo, estes pensamentos são matéria de oração. Para melhor compreensão, no final de cada reflexão, o A. traz vários textos bíblicos do AT e NT, bem como textos do Magistério da Igreja. As citações de diversos autores da América Latina e a menção da realidade de injustiça e marginalização que imperam em nosso continente, enriquecem o conteúdo das reflexões desenvolvidas pelo A.

Em diversos momentos, o A. tem presente a realidade vivida por Maria, ela, tão livre e disponível frente a Palavra de Deus, é para nós modelo de missão. “Só a pobreza podia fazer Maria tão livre e tão disponível frente à Palavra de Deus. Quando a acolheu com alegria em seu coração cheio de fé, sentiu que a Palavra que estava em Deus e era Deus, se fazia carne” (p. 25).

Ajudam também a oração sobre estes pensamentos as gravuras de Maximo Cerezo no início da explicação de cada bem-aventurança.

Estamos diante de um texto sob a forma de pensamentos e orações, que serve para levar a comunidade cristã a se questionar para ver se é sinal de uma nova era para os que estão dentro e fora dela; se na comunidade há sinais de partilha; se caminha para a libertação.

João Oliveira Souza S.J.

AA. VV.: *A oração dos pobres* / Tradução (do italiano) Luiz João Gaio. — São Paulo: Ed. Loyola, 1985. 117 pp., 20,8x13,8 cm.

Conjunto de nove artigos, este livro nos introduz na espiritualidade de Carlos de Foucauld, na sua vida de oração. É um convite a tornar-nos com ele “por amor do Senhor, nômades da perpétua busca do rosto de Deus e do rosto dos nossos irmãos”. Os rasgos da sua espiritualidade vão sendo retomados pelos diversos autores: a oração do abandono com aquela confiança no Senhor do Impossível. A perene atualidade duma espiritualidade eucarística e voltada para o Coração de Jesus. A inspiração do deserto possibilitando ler dentro de nós e na história de todo dia as marcas vivas da presença de Deus. A paciência, a espera e a aceitação alegre de todo pequeno sinal de Deus. A sua ânsia de formar uma comunidade que seja verdadeira “fraternidade”. A assimilação da Palavra: “toda a nossa vida deve respirar Jesus, todos os nossos atos, toda a nossa vida devem gritar que nós pertencemos a Jesus, devem apresentar a imagem da vida evangélica, todo o nosso ser deve constituir uma pregação viva, um reflexo de Jesus, um perfume de Jesus, algo que grite Jesus, que faça ver Jesus, que resplandeça como imagem de Deus” (34). “Não lhe peçamos mais que uma coisa: que nos faça pensar os seus pensamentos, falar as suas palavras e fazer as suas ações. Que deixemos de ser nós mesmos e que ele viva em nós” (43). “Ó meu Deus, eu te adoro, tu que estás em mim e no qual eu estou imerso como uma pequena esponja num oceano sem limites, oceano de perfeição, de beleza, de felicidade, de amor, de santidade divina que me penetra, me enche, me envolve. Eu te adoro, Deus do meu coração, que estás em mim e no qual eu estou” (45). O irmão Carlos, contemplativo na ação, vê as coisas e os homens como os vê Cristo feito carne. Traz em si o olhar e a oração do Filho. Por isso sua oração é uma oração de vida, no meio dos homens, amados com os mesmos sentimentos de Cristo, a ponto de reviver na própria pele a sua realidade humana (49). Queria para si e para os Irmãozinhos que viriam no futuro, uma oração simples, não em latim, não a grande oração monástica e litúrgica das Horas. Eles deveriam rezar com os pobres que não

sabem latim, participam da Missa, adoram a Eucaristia longamente, fazem a Via-Sacra, recitam o Angelus e o Rosário inteiro. Esta oração pobre e dos pobres, esta oração popular que talvez tenhamos esquecido, Carlos de Foucauld a reproduz em Nazaré com força e simplicidade (82).

Ao recomendar a leitura deste livro faço meu o desejo dos autores: “que estas linhas sirvam ao menos para despertar no leitor a vontade de percorrer o itinerário de oração do irmão Carlos, para reencontrar aquele rasgo, aquele impulso, aquela vontade de buscar a aventura do encontro com Deus, e experimentar a verdade e a riqueza de uma escolha: ‘Quem possui Jesus, acaso não é suficientemente rico?’”

Manuel E. Iglesias S.J.

DROOGERS, André: *E a umbanda?* – São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1985. 87 pp., 18x13 cm. (Série: religiões; 1) ISBN 85-233-0054-6

André Droogers, doutor em antropologia e professor na Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, brinda-nos com o que ele modestamente chama de “um livrinho que quer fornecer subsídios para uma possível resposta à pergunta: e a umbanda?”.

Numa linguagem acessível e estilo envolvente, o A. faz uma fenomenologia da umbanda no Brasil, sua história e seu crescimento. Discorre sobre sessões, possessão, espíritos, fornecendo-nos informações objetivas sobre este culto afro-brasileiro tão debatido – e, infelizmente, por tantos que o desconhecem – nos nossos grupos, comunidades e Institutos Religiosos.

Na sua primeira parte o texto é informativo. Sobressai o antropólogo, que tenta ser cientificamente objetivo, fugindo das distorções, chavões e preconceitos – às vezes tão comuns entre nós cristãos – quanto a estes cultos. O A. vale-se, nas suas análises, das ciências sociais, fazendo-o – segundo ele – como um “gesto de amor ao próximo umbandista”. Acompanhando o trabalho de André Droogers, é possível ver a umbanda a partir de suas raízes históricas, superando o que tradicionalmente é dito sobre este culto afro-brasileiro. Numa análise precisa o A. descobre certa regularidade no mundo dos espíritos e relaciona-a com a sociedade brasileira, reconhecendo também nesta elementos que favorecem o crescimento da umbanda. O texto vai “além da simples afirmação, comum em muita literatura evangélica, de que a umbanda é fruto da obra do diabo” (63).

Na segunda parte entra em cena o teólogo, cômico das dificuldades de falar de umbanda a partir da fé cristã, porque “parecem existir fés cristãs”, que possibilitam várias abordagens e modos de avaliar a umbanda. Uma condena e evita qualquer

contato. Outra também condena, mas busca contatos com o fim de converter os umbandistas. Uma outra tem as suas críticas, mas busca entender esta manifestação como um fenômeno social, produto do contexto brasileiro nas últimas décadas. O A. debruça-se sobre esta última, que “pergunta pelo papel da umbanda na manutenção de estruturas injustas. Interessa-se pela importância dela para a saúde mental dos médiuns. Faz uma avaliação menos exclusivista do cristianismo e tenta ver como Deus atua através de outras religiões e de pessoas marginalizadas” (71-72). Desta última abordagem o A. destaca quatro aspectos: informação, crítica, autocrítica e contato, analisando-o detidamente e demonstrando como “o contato com a umbanda pode enriquecer a fé e a prática pastoral”.

O trabalho não ignora as dificuldades para um eventual diálogo com umbandistas. Além da tendência sincrética deste culto afro-brasileiro, há ainda outras questões: Quem representa a umbanda? Sobre o que se dialogaria? Em que nível de teorização se daria o diálogo?

Mas “a atitude dialógica é fundamental. Ela é profundamente cristã e opõe-se à posição autoritária e de superioridade” (85). Daí ser o presente texto um instrumental precioso para os que queremos entabular um diálogo com nossos irmãos umbandistas, de modo sério e respeitoso.

A. S. D.

MALSCHITZKY, Harald – WEGNER, Uwe (coord.): *Proclamar libertação: auxílios homiléticos*. Vol. 11. – São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1985. 350 pp., 21,8x15,2cm. ISBN 85-233-0063-5.

O vol. X de *Proclamar libertação* já foi apresentado aos leitores em *PerspTeol* 18 (1986) 133-134. O vol. XI conserva as mesmas características. Na “série alternativa” os temas são: vida, futebol, todas as religiões são boas?, fome, sindicato, migração, medicina, política.

Desperta especial interesse a questão do futebol (20-34: João Artur Müller da Silva) pela centralidade desse esporte na preocupação popular e por ser um tema raramente abordado desde o ponto de vista teológico e pastoral. Para o A. o futebol no Brasil “se assemelha a uma religião a serviço do sistema dominante interessado na passividade do povo” (30), e aborda-o na perspectiva da idolatria como “círculo num país onde falta o pão” (20).

Entre os autores destacam-se Milton Schwantes, Gottfried Brakemeier, Bertoldo Weber. O volume se encerra com um índice dos “temas e textos tratados nos volumes I-XI” (345-349).

F. T.